


Inventário Portage Operacionalizado (IPO): Revisão Sistemática

Ana Lúcia Rossito Aiello*  & Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams 

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

RESUMO – O objetivo do presente estudo consiste em revisar sistematicamente as publicações brasileiras envolvendo o uso do instrumento Inventário Portage Operacionalizado (IPO) para medir o desenvolvimento de crianças de 0-6 anos. Com a metodologia PRISMA-P, as bases nacionais (Periódicos Capes, BVS-Psicologia, BVS- Bireme, Redalyc, Google Acadêmico) foram revistas no período de 2002 a 2016. Quarenta e dois estudos foram analisados quanto ao objetivo, procedimento, delineamento, resultados e limitações. Doze estudos se caracterizaram como descritivos, 14 correlacionais, e 16 envolveram avaliação com intervenção. A utilidade do IPO foi demonstrada pela descrição e avaliação de repertórios de 976 crianças com 19 diferentes síndromes e em sete condições de risco. É recomendado um maior rigor metodológico em estudos futuros com o IPO.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento infantil, inventários, revisão de literatura

The Operationalized Portage Inventory (OPI): Systematic Review

ABSTRACT – The goal of the present paper is to systematically review the use of the instrument The Operationalized Portage Inventory (OPI) to measure children’s development from 0-6 years old, in Brazilian publications. Using the PRISMA-P methodology, databases were assessed in Portuguese (Capes, BVS-Psychology, BVS-Bireme, Redalyc, Google Scholar) from 2002 to 2016. Forty-two studies were analyzed in terms of goals, procedures, design, results and limitations. Twelve papers were characterized as descriptive, 14 were correlational, and 16 involved intervention assessment. Studies suggested the OPI to be useful in describing and/or evaluating repertoires of 976 children with 19 different syndromes and 7 diverse risk conditions. Greater methodological rigor is recommended in future studies using the OPI.

KEYWORDS: childhood development, inventories, literature review

O “Guia Portage de Educação Pré-Escolar” foi desenvolvido por Bluma *et al.* (1976) para prover serviços a crianças pré-escolares com problemas de desenvolvimento em comunidades rurais, na cidade de Portage, Wisconsin (EUA). Tal programa é composto por: (a) uma proposta de treino domiciliar; (b) um “Guia Curricular” (Bluma *et al.*, 1976) composto por 580 comportamentos de seis áreas de desenvolvimento (Motor, Cognição, Socialização, Linguagem, Autocuidados e Estimulação Infantil) para avaliação e ensino de crianças especiais e, (c) um “Inventário Comportamental de Pais” (Boyd *et al.*, 1977). Atualmente em sua terceira edição revisada (Cooperative Educational Service Agency-5, 2015), o Guia Portage é utilizado em mais de 60 países (Brue & Oakland, 2001), tendo sido traduzido e adaptado para 36 idiomas diferentes (Cooperative Educational Service Agency-5, 2003).

O Programa Portage não utiliza o seu Guia Curricular como instrumento de avaliação dos treinos realizados,

optando pela utilização de Escalas de Desenvolvimento e outros instrumentos para tal fim. Nessa perspectiva, o “Inventário Portage Operacionalizado (IPO)” foi elaborado por Williams e Aiello (2001) para adaptar o Guia Curricular, transformando-o em instrumento de avaliação sistemática e fidedigna do desenvolvimento infantil, útil em intervenções por profissionais e pais. Para tal fim, foram propostos critérios, definições, especificações das condições de avaliação e descrição do material a ser utilizado para cada um dos 580 comportamentos do “Guia Portage de Educação Pré-Escolar” (Bluma *et al.*, 1976). Essa operacionalização resultou na criação de um novo instrumento de avaliação do desenvolvimento infantil (0-6 anos) que Williams e Aiello (2001) denominaram de Inventário Portage Operacionalizado (IPO).

Desde sua publicação (Williams & Aiello, 2001), o IPO tem sido utilizado em dissertações e teses, além de

* E-mail: analu.roaiello@gmail.com

■ Submetido: 29/05/2017; Aceito: 23/01/2019.

ser divulgado em livros da área de intervenção infantil (Formiga *et al.*, 2010; Gomes & Silveira, 2016; Windholz, 2016). Rodrigues (2009) realizou um estudo cujo objetivo central foi o de comparar o repertório comportamental de bebês utilizando o IPO. Os resultados principais indicaram prejuízo nos desempenhos de bebês prematuros e bebês com baixo peso, quando comparados com o repertório de bebês filhos de mães adolescentes e bebês sem risco. Andreucci (2013) utilizou o IPO para avaliar a efetividade de programa de desenvolvimento psicomotor e resiliência em crianças brasileiras pertencentes às classes desfavorecidas e em crianças portuguesas de zona rural. Os resultados indicaram melhor desempenho no IPO para as crianças que frequentaram o programa, independentemente da nacionalidade, quando comparadas a crianças que não passaram pela intervenção.

Segundo Oliveira *et al.* (2008), o IPO foi citado como referência principal para elaboração da interface “Desenvolve®/Instrumento avaliativo” do *software* Desenvolve®. Especificamente, o objetivo em relação à interface “Desenvolve®/Instrumento avaliativo” consistia em verificar 19 habilidades (percepção de tamanho, associação de conjuntos, nomeação de números etc.) apresentadas pela criança com Paralisia Cerebral.

Finalmente, o IPO tem sido citado em artigos de revisão sobre instrumentos de avaliação do desenvolvimento infantil, tanto para crianças de 0-2 anos de idade (Vieira *et al.*, 2009), quanto para bebês de risco (Rodrigues, 2012). Nessas revisões, ele é considerado um instrumento útil e eficaz por avaliar várias áreas de desenvolvimento e faixas etárias, permitindo acompanhar o desenvolvimento da criança ao longo do tempo. O IPO é citado também como um de cinco instrumentos que avalia “hábitos funcionais diários e de autossuficiência em crianças”, utilizado por terapeutas ocupacionais em atividades de vida diária (Silva & Martinez, 2002). O instrumento é citado, ainda, como ferramenta de avaliação cognitiva infantil em artigo de revisão da produção científica brasileira voltada para tal tema (Suchiro *et al.*, 2015) e em revisão sistemática de literatura sobre a relação entre prematuridade, peso ao nascimento e desenvolvimento de linguagem de crianças brasileiras (Zerbeto *et al.*, 2015).

Considerando as contribuições desse instrumento para a avaliação de desenvolvimento infantil, o objetivo do presente estudo consiste em revisar sistematicamente publicações brasileiras envolvendo o uso do instrumento Inventário Portage Operacionalizado para medir o desenvolvimento de crianças de 0-6 anos.

MÉTODO

O procedimento de revisão foi baseado no protocolo PRISMA-P 2015 (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis Protocols*, Shamseer *et al.*, 2015). Trata-se de um *checklist* elaborado para facilitar o preparo e relato de uma revisão sistemática. Tal *checklist* é composto por 17 itens, incluindo critérios de elegibilidade, fontes de informação e estratégias de pesquisa, categorizados em três fases (informações administrativas, introdução e método), consideradas essenciais para relatar uma revisão sistemática e transparente.

Para a presente revisão, os estudos deveriam preencher os seguintes critérios de inclusão: (a) tipo: artigos científicos publicados em revista com revisão de pares e disponíveis na íntegra; (b) tema: artigos que utilizaram e referenciaram o IPO como instrumento no método; (c) o artigo poderia utilizar uma ou todas as áreas de avaliação do desenvolvimento, uma ou todas as faixas etárias, em combinação ou não com outros instrumentos; (d) período: 2002 (um ano após a publicação de 2001 de Williams & Aiello) até junho de 2016; (e) Língua: Português ou Inglês. Os bancos de dados foram: Periódicos Capes, BVS-Psicologia, BVS-Bireme, Redalyc e Google Acadêmico. A palavra-chave “Inventário Portage Operacionalizado” foi utilizada, assim como três combinações: Inventário AND Portage, Inventário AND Operacionalizado e Portage AND Operacionalizado.

As referências dos artigos que alcançaram os critérios de inclusão foram também analisadas a fim de identificar estudos não localizados em bancos de dados. Todos os artigos encontrados foram avaliados pela leitura do título, resumo e referências. Foram excluídos: (a) livros, capítulos de livros, artigos de revisão e ensaios; (b) dissertações, teses, monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso; (c) resumos de apresentações/painéis, de anais de congresso, jornadas, simpósios e seminários; (d) artigos repetidos; (e) artigos que não utilizaram o IPO como instrumento de avaliação comportamental; (f) artigos que apenas referenciam Williams e Aiello (2001), sem uso do IPO; e (g) artigos que utilizaram o IPO, mas não o referenciaram.

Os estudos incluídos foram lidos e sumarizados em termos de: (a) objetivos principais; (b) características dos participantes (número e diagnóstico); (c) instrumentos utilizados e descrição das áreas, critérios e faixas etárias avaliadas do IPO; e (d) delineamento. Em termos de delineamento, os estudos foram classificados em: (a) descritivo, quando o objetivo especificava descrever o repertório comportamental das crianças; (b) correlacionais, quando o estudo comparava duas ou mais variáveis, sendo uma delas o desempenho no IPO; e (c) experimentais: quando o desempenho no IPO serviu como medida de avaliação de intervenções. A análise dos estudos segundo o delineamento foi a base para a construção das tabelas.

RESULTADOS

O levantamento de artigos identificou 264 referências relevantes. O Google Scholar identificou 190 artigos e as bases Periódicos Capes, BVS-Psicologia (Pepsic e Scielo), BVS-Bireme e Redalyc um total de 71 artigos (14, 16, 24 e 17, respectivamente), sendo três artigos adicionalmente obtidos via consulta às referências de artigos relevantes. Os seguintes estudos foram removidos: (a) 14 livros, capítulos de livros, artigos de revisão e ensaios; b) 72 dissertações ou teses, monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso; (c) 21 resumos de apresentações/painéis e anais de congressos ou reuniões; e (d) 82 artigos repetidos. Dentre os 75 restantes, 14 mencionavam o IPO, mas não o utilizavam como instrumento de avaliação ou não o referenciavam e 19 artigos referenciavam dizeres do livro ou a entrevista de Williams e Aiello (2001), restando 42 estudos.

A distribuição dos 42 artigos por ano de publicação permitiu observar que não houve publicações em 2002, 2003 e no primeiro semestre de 2016. Entre 2004 e 2015, houve regularidade nas publicações de artigos indexados, assim como aumento na frequência a partir de 2009. No período de 2004 a 2015, em média, foram publicados 3,5 artigos por ano ($DP = 2,43$). Pelo menos um artigo foi encontrado por ano (2005, 2007, 2008) e oito, no máximo (2012).

Os 42 artigos foram publicados em 29 revistas, sendo 21 (72,4%) avaliadas pelo Sistema Qualis 2014 exclusivamente na área de Psicologia e 12 (41,3%) em Educação e Psicologia, sendo que a classificação variou de A1 a C. Aquelas com maior número de artigos publicados foram: *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* ($N = 5$, Qualis Psicologia A2); *Revista Brasileira de Educação Especial* ($N = 4$, Qualis Psicologia B1) e *Revista CEFAC* ($N = 3$, Qualis Psicologia B1). Oito artigos (Formiga *et al.*, 2004; Menezes *et al.*, 2013; Morais *et al.*, 2012; Murta *et al.*, 2011; Peres, 2004; Robles & Gil, 2006; Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011; Taques & Rodrigues, 2006) foram publicados em revistas com conceito A em Psicologia. Nove artigos não foram encontrados no Qualis 2014.

A Tabela 1 apresenta uma síntese dos 12 estudos que utilizaram o IPO para descrever o perfil de participantes conforme a classificação dos tipos de delineamento dos estudos encontrados. Em quatro destes estudos, os resultados serviram também para identificar habilidades pré-requisitos para ensino de leitura (Lorenzo *et al.*, 2010); escolher tarefas (recortar, desenhar, copiar, empilhar blocos) a serem utilizadas no procedimento de intervenção destinado a diminuir comportamentos de desobediência em crianças (Menezes *et al.*, 2013); agrupar crianças quanto à heterogeneidade de repertório (crianças com desenvolvimento típico e crianças com atrasos de desenvolvimento, sobretudo na área de Linguagem), bem como caracterizar o controle por instruções (Robles & Gil, 2006) e descrever o repertório verbal (Sousa *et al.*, 2013).

Cabe destacar que, ao analisar exclusivamente os objetivos da Tabela 1, três estudos foram caracterizados pelos autores como sendo experimentais (Lorenzo *et al.*, 2010; Menezes *et al.*, 2013; Sousa *et al.*, 2013). Contudo a leitura cuidadosa permitiu identificar que o IPO foi utilizado de forma descritiva, como comentado anteriormente.

Segundo a Tabela 1, o IPO foi aplicado a 150 crianças, sendo 68% com diferentes síndromes, deficiências ou problemas de saúde; 29,3% com crianças de baixa renda e 2,6% de crianças com desenvolvimento típico, demonstrando sua aplicabilidade a amplas condições de saúde infantil. Alguns estudos incluíram todas as áreas de desenvolvimento do IPO (Alves *et al.*, 2011, Gejão *et al.*, 2009; Postalli *et al.*, 2011; Robles & Gil, 2006; Rossi *et al.*, 2009). Outros utilizaram apenas uma área: Desenvolvimento Motor (Almeida & Formiga, 2010; Brito *et al.*, 2009; Menezes *et al.*, 2013), Linguagem (Lorenzo *et al.*, 2010; Sousa *et al.*, 2013), Linguagem e Socialização (Machado & Bello, 2015) ou Estimulação Infantil (Taques & Rodrigues, 2006). Nove estudos não informaram dados sobre a aplicação do IPO, dois disseram seguir as instruções contidas no manual (Almeida & Formiga, 2010; Taques & Rodrigues, 2006) e apenas um estudo (Brito *et al.*, 2009) apontou alteração nos critérios de avaliação dos itens em relação às sugestões contidas no manual (Williams & Aiello, 2001). Observa-se na Tabela 1 que o IPO foi utilizado como única medida (58,3%) ou juntamente a outros instrumentos, sendo o Denver Developmental Screening Test (Frankenburg *et al.*, 1999/2018) o mais utilizado (Gejão *et al.*, 2009; Sousa *et al.*, 2013). A maioria dos estudos foi realizada em residências e instituições filantrópicas. Nenhum estudo apontou críticas ao IPO.

A Tabela 2 apresenta os 14 estudos nos quais o desempenho no IPO foi utilizado para comparar (ou correlacionar) outras variáveis. Seiscentas e dez crianças com diferentes riscos (prematuridade, baixo peso, alto nível de chumbo no sangue, estado nutricional, filhos de mães adolescentes), desenvolvimento típico e deficiências (cegueira, holoprosencefalia, paralisia cerebral) tiveram o desempenho no IPO correlacionado com variáveis como ansiedade e estresse materno e com o desempenho da criança em diferentes programas de Estimulação Infantil, ou comparados entre si. Um estudo utilizou a área de Estimulação Infantil comparando o desempenho de bebês com prematuridade, baixo peso e ser filho de mãe adolescente (Almeida *et al.*, 2012) e um segundo, apesar de avaliar todas as áreas, apresentou dados apenas sobre o Desenvolvimento Motor correlacionando-o à idade materna, escolaridade dos pais, condições de saúde da mãe durante gestação, idade gestacional, e condições de nascimento (Pereira, Rodrigues *et al.*, 2015).

Os demais estudos avaliaram todas as áreas do IPO. Um estudo (Gejão & Lamônica, 2008) correlacionou

desempenhos das crianças nas áreas do IPO com seus desempenhos na escala Early Language Milestone Scale (Coplan, 1993). Seis estudos (Almeida *et al.*, 2012; Lamônica & Picolini, 2009; Pereira, Silva-Marinho *et al.*, 2015; Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011; Rodrigues & Carnier, 2007; Rodrigues & Nunes, 2009) aplicaram o IPO conforme a descrição do Manual (Williams & Aiello, 2001). O estudo de França-Freitas e Gil (2012) aplicou os itens do IPO via entrevista com pais e professores e adaptou alguns itens de todas as áreas para possibilitar a utilização com crianças cegas. Os locais mais frequentes para a intervenção foram centros ou laboratórios universitários (Almeida *et al.*, 2012; Pereira *et al.*, 2014; Pereira, Rodrigues, *et al.*, 2015; Pereira, Silva-Marinho, *et al.*, 2015; Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011; Rodrigues & Carnier, 2007; Rodrigues & Nunes, 2009) e a Associação Pestalozzi (Alves *et al.*, 2012; Morais

et al., 2012). O conjunto desses estudos (Tabela 2) não permite identificar um padrão de resultados uma vez que os autores utilizaram diferentes variáveis para correlacionar ao repertório comportamental medido pelo IPO; número distinto de crianças, de idade e diagnósticos, bem como análises estatísticas variadas.

A Tabela 3 apresenta os resultados sobre os estudos que utilizaram o IPO para avaliação de repertório infantil seguida de intervenção. Participaram destes estudos 212 crianças de 0- 7 anos, sendo que, para 175 crianças, os autores apontaram a convivência com fatores de risco para o desenvolvimento (*e.g.*, mãe adolescente, prematuridade, desnutrição ou frequentar creche de baixa renda) e 37 crianças com diferentes síndromes/transtornos previamente diagnosticados (*e.g.* Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Síndrome de Treacher Collins, de

Tabela 1

Características dos Estudos nos quais o IPO foi utilizado para Descrever Repertório de Desenvolvimento

Autor (es)	Objetivo	Instrumentos	Diagnóstico/Risco	n	Local da coleta
Almeida & Formiga, 2010	Analisar motricidade ampla/fina	IPO (DM, 5-6 anos)	Síndrome de Williams	1	Residência Parque Infantil
Alves <i>et al.</i> , 2011	Descrever perfil neurofuncional, verificar evolução do desenvolvimento	IPO, GMGCS	Síndromes genéticas	5	Associação Pestalozzi, GO
Brito <i>et al.</i> , 2009	Avaliar perfil cinestésico-corporal	IPO (DM-10 itens, 5-6 anos), Bruininks-Ozeretsky	Síndrome de Down	20	TO
Gejão <i>et al.</i> , 2009	Descrever habilidades psicolinguísticas e comunicativas	IPO, ELMS, PPVT, GABDS, LDES, DDST-II, ABFW, ITPA, OCB	Fenilcetonúria Hipotireoidismo congênito	25 43	APAE Bauru, SP
Lorenzo <i>et al.</i> , 2010	Ensinar a uma jovem comportamentos básicos para aquisição de leitura	IPO (L e “comportamento de ler”)	Deficiência intelectual	1	Escola pública Florianópolis, SC
Machado & Bello, 2015	Identificar habilidades sociocomunicativas e de atenção compartilhada	IPO (alguns itens de L, S, 1-2 anos)	Diáde Mãe-bebê Desenvolvimento típico	4	Residências
Menezes <i>et al.</i> , 2013	Avaliar efeito da atenção parental e dificuldade da tarefa no comportamento de desobediência de crianças	IPO (DM, 3-6 anos)	Diades Mãe-criança com dermatite atópica	5	-
Postalli <i>et al.</i> , 2011	Descrever família exposta a múltiplos estressores e seus efeitos no desenvolvimento	IPO	Atraso de desenvolvimento	1	Residência
Robles & Gil, 2006	Caracterizar aquisição e desenvolvimento do controle instrucional	IPO	Baixa renda	3	Creche filantrópica, SP
Rossi <i>et al.</i> , 2009	Apresentar caso e revisão de achados clínicos focando linguagem, cognição e deglutição	IPO (L)	Disfagia orofaríngea	1	-
Sousa <i>et al.</i> , 2013	Investigar procedimentos para aprender a ser ouvinte	IPO (L), DDST-II	Bebê de baixa renda	1	Creche filantrópica
Taques & Rodrigues, 2006	Avaliar desenvolvimento de bebês durante os primeiros 4 meses de vida	IPO (EI)	Bebês de baixa renda	40	UNESP, Bauru, SP
Total de crianças				150	

Nota. GMFCS= Gross Motor Function Classification System; ELMS= Early Language Milestone Scale; PPVT= Peabody Picture Vocabulary Test; GABDS= Gesell and Amatruda's Behavioral Development Scale; LDES= Language Developmental Screening Test; DDST-II= Denver Developmental Screening Test; ABFW= Child Language Test-phonology; ITPA= Illinois Test of Psycholinguistic Abilities; OCB= Observation Communication Behavior; DM= Desenvolvimento Motor; EI= Estimulação Infantil; L= Linguagem; S= Socialização.

Tabela 2

Características dos Estudos nos quais o IPO Serviu para Comparar ou Correlacionar Variáveis

Autor (es)	Objetivo	Instrumentos	Diagnóstico/risco	n	Local da coleta
Almeida <i>et al.</i> , 2012	Avaliar desenvolvimento de bebês comparando risco e sexo	IPO (EI)	Prematuras Baixo peso Mães adolescente	24 21 55	UNESP, Bauru, SP
Alves <i>et al.</i> , 2012	Correlacionar características do perfil e desenvolvimento sensório-motor	IPO, GMFCS	Síndromes genéticas	13	Associação Pestalozzi, GO
Cassab <i>et al.</i> , 2012	Comparar desempenho nas habilidades de desenvolvimento	IPO	Holoprosencefalia Holoprosencefalia-like	2 8	-
França-Freitas & Gil, 2012	Comparar desempenho de crianças que receberam diferentes estimulações com desenvolvimento	IPO	Cegas Videntes	2 2	Escolas Públicas
Gejão & Lamônica, 2008	Traçar perfil de desenvolvimento verificando influências da história clínica	IPO, ELMS	Hipotireoidismo congênito	35	Centro triagem neonatal, SP
Lamônica & Picolini, 2009	Verificar desempenho em habilidades de desenvolvimento	IPO (0-2 anos)	Prematuras	30	SP
Morais <i>et al.</i> , 2012	Verificar correlação entre perfil neurofuncional e habilidades sensório-motoras	IPO, GMFCS	Paralisia cerebral	27	Associação Pestalozzi, GO
Murta <i>et al.</i> , 2011	Avaliar desenvolvimento e estado nutricional de crianças de 0-6 anos	IPO	Pobreza	48	Casa da Criança, MG
Pereira <i>et al.</i> , 2014	Correlacionar desempenhos de bebês com variáveis maternas (ansiedade e estresse) e sociodemográficas	IPO	- (Desenvolvimento típico)	16	MS
Pereira, Rodrigues <i>et al.</i> , 2015	Comparar e correlacionar níveis de estresse e ansiedade materna e desenvolvimento do bebê	IPO	- (Desenvolvimento típico)	16	MS
Pereira, Silva-Marinho <i>et al.</i> , 2015	Correlacionar desenvolvimento motor de lactentes a variáveis maternas e condições de nascimento	IPO (DM, 0-1 ano)	- (Desenvolvimento típico)	57	MS
Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011	Correlacionar desenvolvimento de lactentes com prematuridade	IPO	Prematuros (Desenvolvimento típico)	74 56	SP
Rodrigues & Carnier, 2007	Investigar o desenvolvimento e comparar com nível de contaminação por chumbo	IPO	Nível de chumbo no sangue acima de 10µg/dl	60	UNESP, Bauru, SP
Rodrigues & Nunes, 2009	Descrever o desenvolvimento por faixa etária e sexo, comparando defasagem por área com o nível de chumbo	IPO	Nível de chumbo no sangue acima de 10µg/dl	64	UNESP, Bauru, SP
Total de crianças				610	

Nota. GMFCS= Gross Motor Function Classification System; ELMS= Early Language Milestone Scale; DM= Desenvolvimento Motor.

Lennox Gastaud, Transtorno do Espectro Autista). Em termos de delineamento, 14 estudos (87,50%) podem ser considerados como pré-experimentais, pois podem existir hipóteses rivais explicativas sobre as mudanças ocorridas após a intervenção. Apenas dois estudos (Cró & Andreucci, 2014; Formiga *et al.*, 2004) fizeram uso de delineamento de grupo (grupo experimental x grupo controle). Entretanto, as amostras foram de conveniência em todos os estudos e nenhum informou realizar fidedignidade das avaliações do IPO. Todos os 16 estudos apontaram resultados favoráveis ao desenvolvimento das crianças após intervenção com base no IPO.

O número de sessões e duração da intervenção foi relatado em 10 estudos, variando de nove sessões de 90 minutos (Cia *et al.*, 2005) a 30 sessões de 50 minutos (Taira *et al.*, 2009). Em 11 estudos não houve informação sobre a forma de aplicação do IPO. Silva *et al.* (2009) informaram ter seguido os critérios de aplicação, segundo o recomendado pelas autoras do IPO, e 4 estudos alteraram a forma de aplicação do IPO (Branquinho *et al.*, 2014; Formiga *et al.*, 2004; Prado *et al.*, 2012; Sandroni *et al.*, 2015). Nos estudos da Tabela 3, diferentes locais serviram de base para a utilização do IPO e nenhum estudo relatou o envolvimento de membros da família como irmãos e avós.

Tabela 3

Características dos Estudos nos quais o IPO serviu para Avaliar Repertório Seguido de Intervenção

Autor (es)	Objetivo	Instrumentos	Diagnóstico/risco	n	Local da coleta
Anunciação <i>et al.</i> , 2015	Avaliar desempenho motor (pré e pós-intervenção)	IPO (DM, 3 - 4 anos)	Síndrome de Down	1	Escola de Educação Infantil
Branquinho <i>et al.</i> , 2014	Verificar evolução de desenvolvimento (pré e pós-intervenção)	IPO	Síndromes genéticas e/ou mal formativas	10	Associação Pestalozzi, GO
Capalonga & Grave, 2012	Avaliar efeito de programa de estimulação (pré e pós-intervenção)	IPO	Atraso global neuropsicomotor	1	Instituição Filantrópica, RGS
Cia <i>et al.</i> , 2005	Avaliar impacto da intervenção (pré e pós-intervenção)	IPO	Mãe adolescente	1	Residência
Cró & Andreucci, 2014	Verificar se intervenção promove desenvolvimento (delineamento de grupo)	IPO	Desnutrição, estresse familiar, pobreza	151	-
Formiga <i>et al.</i> , 2004	Avaliar eficácia de intervenção com e sem treinamento de mães no desenvolvimento de bebês (delineamento de grupo)	IPO	Prematuro	8	Setor de Fisioterapia, UFSCar, SP
Martins & Kortmann, 2015	Avaliar estimulação precoce em abordagem psicopedagógica sistêmica (pré e intervenção)	IPO	Transtorno do Espectro Autista	1	-
Nicolielo <i>et al.</i> , 2014	Descrever processo de intervenção fonoaudiológica (pré e pós-intervenção)	IPO, ELMS, EDCGA	Transtorno global de desenvolvimento	1	Clinica Escola de Fonoaudiologia
Peres, 2004	Vivenciar manifestações lúdicas para estimular desenvolvimento cognitivo e motor (pré e intervenção)	IPO	PC	7	Escola para crianças especiais, Cascavel, PR
Prado <i>et al.</i> , 2012	Avaliar crescimento e desenvolvimento e intervir no desenvolvimento motor (pré e pós-intervenção)	IPO	Probreza	15	Creche
Rodrigues <i>et al.</i> , 2015	Apresentar evolução da função motora e desenvolvimento neuropsicomotor durante reabilitação (pré e pós-intervenção)	IPO, GMFM	Síndrome de Treacher-Collins	1	Associação Pestalozzi, GO
Sandroni <i>et al.</i> , 2015	Avaliar perfil psicomotor via intervenção psicomotora breve (pré e pós-intervenção)	EDM, IPO (S, C, L e AC, 5-6 anos).	TEA DI Desenvolvimento atípico	2 1 2	Sala de recursos multifuncional de escola pública
Scalha <i>et al.</i> , 2010	Avaliar influencia de atividades lúdicas da família no desenvolvimento psicomotor (pré e pós-intervenção)	IPO	PC Síndrome de Down	2 1	-
Silva <i>et al.</i> , 2009	Apresentar evolução da função motora grossa e desenvolvimento após reabilitação (pré e pós-intervenção)	IPO, GMFM	Síndrome de Lennox-Gastaud	1	Associação Pestalozzi, GO
Silva & Aiello, 2012	Avaliar se intervenção ao pai altera padrões de interações com bebê (pré e pós-intervenção)	IPO	Síndrome de Down	5	Residência
Taira <i>et al.</i> , 2009	Estudo de caso de criança submetida a programa de reeducação psicomotora (pré e pós-intervenção)	IPO	PC associada à baixa visão	1	UNESP, Presidente Prudente, SP
Total de crianças				212	

Nota. ELMS= Early Language Milestone Scale; EDCGA= Escala de Desenvolvimento Comportamental de Gesell e Amatruda; GMFM= Gross Motor Function Measure; EDM= Escala de Desenvolvimento Motor; S= Socialização; C= Cognição; L= Linguagem; AC= Autocuidados; DM:= Desenvolvimento Motor.

DISCUSSÃO

Há considerável heterogeneidade entre os 42 estudos que envolveram um total de 972 participantes de ambos os sexos, na faixa etária de 0 a 14 anos. A maioria dos participantes encontrava-se em situação de risco, seguidos por participantes com 19 síndromes diferentes. Os locais de aplicação do instrumento foram diversificados, envolvendo estudos de oito estados brasileiros. Os resultados parecem sugerir que o IPO é útil em avaliar o repertório comportamental de crianças em uma ampla gama de síndromes ou condições de risco e deficiências, além de crianças com desenvolvimento típico, bem como para medir o resultado de intervenções, expandindo colocações de revisões anteriores sobre instrumentos de desenvolvimento (Rodrigues, 2012; Silva & Martinez, 2002; Suehiro *et al.*, 2015; Zerbeto *et al.*, 2015). Quando crianças e adolescentes acima da faixa etária de 6 anos foram avaliadas pelo IPO (idade limite proposta pelo inventário), os autores justificavam esclarecendo que os repertórios dos participantes eram prejudicados. Uma alternativa teria sido utilizar um segundo instrumento, adequado à faixa etária alvo. Contudo, é preciso levar em conta o número limitado de instrumentos de avaliação de repertório comportamental para crianças e adolescentes, para idades acima de seis anos. Por exemplo, no site da SATEPsi do Conselho Federal de Psicologia existem apenas cinco instrumentos para adolescentes que avaliam outras habilidades que não desenvolvimento (stress, habilidades sociais, personalidade e percepção de suporte social).

Nessa direção, há um estudo interessante sobre utilização do Guia Portage de Bluma *et al.*, (1976) para avaliar repertório acima da faixa etária especificada. Arvio *et al.* (1993) utilizaram o Guia Portage de Bluma *et al.* (1976) para descrever o repertório de 114 pessoas com deficiência mental e doença degenerativa (idade variando entre 1 e 56 anos). Os autores aplicaram diferentes testes, além do Guia Portage, e correlacionaram os resultados com o desempenho de 30 crianças com desenvolvimento típico. Os autores argumentam que é possível utilizar o Guia Portage de Bluma *et al.* (1976) em pacientes clínicos acima de 6 anos, principalmente se o repertório comportamental funcional desses indivíduos estiver por volta de 3-5 anos.

Nove estudos informaram seguir as orientações contidas no Manual de Williams e Aiello (2001) para a aplicação do IPO, 23 não informaram como se deu a aplicação e 10 estudos apontaram adaptações. As alterações nos critérios e na forma de aplicação do IPO foram: (a) para agilizar a aplicação, exigir, por exemplo, apenas uma e não três respostas da criança ao item avaliado (*e.g.*, Murta *et al.*, 2011); (b) avaliar apenas a faixa etária correspondente à idade cronológica da criança (Alves *et al.*, 2012; Sandroni *et al.*, 2015); (c) selecionar itens de uma área de desenvolvimento (*e.g.*, Brito, *et al.*, 2009; Formiga *et al.*, 2004); e (d) utilizar um procedimento abreviado para pontuar desempenho da criança classificando-o como acima, abaixo

ou na média do esperado (Cassab *et al.*, 2012). A descrição fornecida por outros estudos não permitiu clareza sobre as alterações realizadas (Branquinho *et al.*, 2014; Gejão & Lamônica, 2008; Prado *et al.*, 2012).

Alterações nos critérios de avaliação dos itens do IPO propostos por Williams e Aiello (2001), desacompanhadas de estudos que as justifiquem, podem inviabilizar comparações entre estudos. Contudo, independentemente das diferenças entre os procedimentos e delineamentos, todos os estudos demonstraram resultados satisfatórios com a utilização do IPO e nenhum apresentou críticas ao mesmo. Entretanto, muitos estudos de intervenção aqui descritos apresentaram um nível questionável de evidências, por limitações metodológicas, presença de delineamentos pré-experimentais que permitiam explicações por hipóteses rivais, como maturação, história de vida, entre outras. A fragilidade metodológica da produção científica na área de Educação Especial também foi apontada por Glat *et al.* (2014).

Desde a realização do estudo inicial de Williams (1983) com o IPO, a ciência caminhou em critérios de exigência com relação a práticas baseadas em evidência, sendo atualmente o padrão ouro os estudos com grupos comparativos com ensaios clínicos randomizados (Kazdin, 2003). Assim, a falta de estudos experimentais com o IPO envolvendo amplas amostras que ocorram em situação natural (residência, escola ou comunidade), com o envolvimento de diferentes membros da família (pai, irmãos e avós), ainda compromete afirmações sobre a eficácia das intervenções revistas no presente estudo, a despeito de melhoras clínicas.

Estudos sobre revisão de instrumentos tecem críticas ao IPO no sentido de ele não ser um instrumento padronizado (Vieira *et al.*, 2009) ou que não apresenta normas de desempenho por idade (Rocha *et al.*, 2013). No entanto, cabe lembrar que o IPO é um inventário comportamental e não uma escala de desenvolvimento. Ele foi traduzido, adaptado e operacionalizado no final da década de 70, quando os critérios e exigências da psicometria eram diferentes. A realização de novos estudos com objetivo específico de conduzir avaliações psicométricas do IPO é recomendada, como, por exemplo, estudos de evidências de validade convergente comparando o IPO com instrumentos que utilizam tabelas normativas como o Denver II (Frankenburg *et al.*, 1999/2018).

Cabe lembrar também que o IPO é um *checklist* que lista habilidades comportamentais que a criança apresenta em determinado momento, em tarefas específicas, baseado em marcos de desenvolvimento e ampla literatura sobre esses marcos (ver Williams & Aiello, 2001). Assim sendo, o IPO não prevê classificações do repertório da criança, e tampouco, deveria, por si só, fornecer um diagnóstico. Seus resultados, em termos das habilidades comportamentais não presentes no repertório das crianças, se destinam

ao planejamento de intervenções. Nesse sentido, o IPO pode ser considerado uma avaliação baseada em currículo (*curriculum-based-assessment*).

A presente revisão sistemática evidenciou que o IPO tem sido utilizado em diferentes locais (residência, clínicas, escolas, instituições ou centros universitários) e regiões do país, tendo se mostrado um instrumento útil para avaliar e acompanhar o desenvolvimento de crianças até seis anos, na realidade brasileira. Mais especificamente, ele oferece dados importantes para a descrição, planejamento, monitoramento, intervenção e avaliação do desenvolvimento infantil. No entanto, uma limitação importante dessa revisão consiste

no fato de que, embora sistemática, a análise e coleta de dados não foi realizada por juizes independentes. Além disso, sugere-se que revisões futuras incluam trabalhos não publicados (monografias, teses, dissertações etc.).

Considerando que o IPO é um instrumento que avalia 580 comportamentos e que pode demandar um longo período de aplicação, sugere-se que os pesquisadores interessados investiguem estratégias possíveis para redução desse tempo. Seria interessante também que estudos futuros ampliassem a utilização do IPO para outros ambientes, como escolas, creches, centro de saúde e comunidades, com maior número de crianças e envolvimento de professores, pais e familiares.

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. G. M., Rodrigues, O. M. P. R., & Salgado, M. H. (2012). Diferenças no desenvolvimento de meninos e meninas em condições de risco. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 1-14. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100002&lng=pt&tln=pt
- Almeida, M. M., & Formiga, C. K. M. R. (2010). Avaliação da motricidade ampla e fina na Síndrome de Williams: Relato de caso. *Motriz: Revista de Educação Física*, 16(4), 913-919. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p913>
- Alves, A. P. V., Formiga, C. K. M. R., & Viana, F. P. (2011). Perfil e desenvolvimento de crianças com síndromes genéticas em tratamento multidisciplinar. *Revista Neurociências*, 19(2), 284-293. <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2011/RN1902/relato%20de%20caso%2019%2002/467%20relato%20de%20caso.pdf>
- Alves, A. P. V., Formiga, C. K. M. R., & Viana, F. P. (2012). Correlação entre as características do perfil e desenvolvimento sensório-motor de crianças com síndromes genéticas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(2), 322-329. <https://doi.org/10.5216/ree.v14i2.10883>
- Andreucci, L. C. (2013). *Psicomotricidade e resiliência em crianças brasileiras e portuguesas: Um estudo comparativo para a melhoria no ensino-aprendizagem* [Tese de doutorado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/1022>
- Anuniação, L. M. R. L., Costa, M. P. R., & Denari, F. E. (2015). Educação infantil e práticas pedagógicas para o aluno com Síndrome de Down: O enfoque no desenvolvimento motor. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 21(2), 229-244. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382115000200005>
- Arvio, M., Hautamäki, J., & Tiilikka, P. (1993). Reliability and validity of the Portage assessment scale for clinical studies of mentally handicapped populations. *Child: Care, Health and Development*, 19(2), 89-98. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1365-2214.1993.tb00716.x/epdf>
- Bluma, S., Shearer, M., Frohman, A., & Hilliard, J. (1976). *Portage Guide to Early Education* (Rev. Ed.). Cooperative Educational Service Agency 12.
- Boyd, R. D., Stauber, K. A., & Bluma, S. (1977). *Portage Parent Program: Instructor's Manual*. Cooperative Educational Service Agency 12.
- Branquinho, K. W., Amaral, L. E. F., Fagundes, R. R., & Formiga, C. K. M. R. (2014). Evolução do desenvolvimento de crianças com síndromes genéticas e mal formativas do sistema nervoso central. *Revista Movimenta*, 7(2), 689-699. <https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/6272>
- Brito, A., Silva, I. L., Cardoso, F., & Beresford, H. (2009). Avaliação do perfil cinestésico-corporal de crianças com Síndrome de Down: um parâmetro para se atender à proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação especial. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 17(63), 341-354. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362009000200008>
- Brue, A. W., & Oakland, T. (2001). The Portage Guide to Early Intervention: An evaluation of published evidence. *School Psychology International*, 22(3), 243-252. doi: 10.1177/0143034301223001
- Capalonga, D., & Grave, M. T. Q. (2012). Evolução psicomotora de lactente com atraso no desenvolvimento psicomotor a partir de uma intervenção em estimulação precoce: Um estudo de caso. *Caderno Pedagógico*, 9(2), 59-71. <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/857>
- Cassab, T. V., Lamônica, D. A. C., Zorzetto, N. L., & Giacheti, C. M. (2012). Perfil de habilidades do desenvolvimento em crianças com holoprosencefalia e holoprosencefalia-like. *Revista CEFAC*, 14(3), 423-429. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462011005000109>
- Cooperative Educational Service Agency-5 (2003). *Portage Guide Birth to Six: User's Guide*. <https://the-portage-project.myshopify.com/products/portage-guide-3-preschooler-complete-kit-english>
- Cooperative Educational Service Agency-5. (2015). *Portage Guide 3*. <https://the-portage-project.myshopify.com/collections/portage-guide-3>
- Cia, F., Williams, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Intervenção focada na família: Um estudo de caso com mãe adolescente e criança de risco. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11(1), 49-66.
- Coplan, J. (1993). *Early Language Milestone Scale*. ProEd.
- Cró, M. L., & Andreucci, L. (2014). Resiliência e psicomotricidade na educação pré-escolar: Um estudo com crianças brasileiras sócio, cultural e economicamente desfavorecidas. *Omnia*, 1, 45-54. <https://www.grei.pt/OMNIA/OMNIA1.pdf#page=45>
- Formiga, C. K. M. R., Pedrazzani, E. S., & Tudella, E. (2010). *Intervenção precoce com bebês de risco*. Editora Atheneu.
- Formiga, C. K., Pedrazzani, E. S., Silva, F. P. S., & Lima, C. D. (2004). Eficácia de um programa de intervenção precoce com bebês pré-termo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(29), 301-311. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300006>
- França-Freitas, M. L. P., & Gil, M. S. C. A. (2012). O desenvolvimento de crianças cegas e de crianças videntes. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(3), 507-526. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382012000300010>

- Frankenburg, W. K., Dodds, J. B., Archer, P., Bresnick, B., Mashka, P., Edelman, N., & Shapiro, H. (1999/2018). *Manual de treinamento do teste de triagem de desenvolvimento de Denver II*. Hogrefe.
- Gejão, M. G., Ferreira, A. T., Silva, G. K., Anastácio-Pessan, F. L., & Lamônica, D. A. C. (2009). Communicative and psycholinguistic abilities in children with phenylketonuria and congenital hypothyroidism. *Journal of Applied Oral Science*, 17(spe), 69-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-77572009000700012>
- Gejão, M. G., & Lamônica, D. A. C. (2008). Habilidades do desenvolvimento em crianças com hipotireoidismo congênito: Enfoque na comunicação. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 20(1), 25-30. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-56872008000100005>
- Glat, R., Omote, S., & Pletsch, M. D. (2014). Análise crítica da produção do conhecimento em Educação Especial. In S. Omote, A. A. S. de Oliveira, & M. C. M. Chacon (Orgs.), *Ciência e conhecimento em Educação Especial* (pp.25-44). Marquêsine & Manzini; ABPEE.
- Gomes, C. G. S., & Silveira, A. D. (2016). *Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: Manual para intervenção comportamental intensiva*. Appris Editora.
- Kazdin, A. E. (2003). *Research design in clinical psychology* (4th ed.). Allyn and Bacon.
- Lamônica, D. A. C., & Picolini, M. M. (2009). Habilidades do desenvolvimento de prematuros. *Revista CEFAC*, 11 (Supl 2), 145-153. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462009005000019>
- Lorenzo, F. M., Kawasaki, H. N., & Kubo, O. M. (2010). Programa para ensino de comportamentos de autocuidados, cognitivos e sociais para jovem com necessidades especiais. *Extensão: Revista Eletrônica de Extensão*, 7(10), 9-28. doi:10.5007/1807-0221.2010v7n10p9
- Machado, A. C., & Bello, S. F. (2015). Habilidades sociocomunicativas e de atenção compartilhada em bebês típicos da primeira infância. *Revista Psicopedagogia*, 32(98), 150-157. <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/exportar-pdf/41/v32n98a05.pdf>
- Martins, C., & Kortmann, G. L. (2015). Recorte da experiência psicopedagógica clínica: Possibilidades de aplicação do Inventário Portage Operacionalizado com sujeito com transtorno do espectro autista. *Diálogo*, 28, 25-40. <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1716>
- Menezes, C. C., Gon, M. C. C., & Zazula, R. (2013). Análise funcional de eventos antecedentes ao comportamento de desobediência de crianças. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 19-32. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200002&lng=pt&tlng=pt
- Morais, F. D., Freitas, J. C., Viana, F. P., & Formiga, C. K. M. R. (2012). Correlation between neurofunctional profile and sensory-motor skills of children with cerebral palsy. *Journal of Human Growth and Development*, 22(2), 226-232. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S0104-12822012000200015&lng=pt&tlng=pt
- Murta, A. M. G., Lessa, A. C., Santos, A. S., Murta, N. M. G., & Cambraia, R. P. (2011). Cognição, motricidade, autocuidados, linguagem e socialização no desenvolvimento de crianças em creche. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(2), 220-229. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000200005&lng=pt&tlng=pt
- Nicoliello, A. P., Gonçalves, B. L. R., Arruda, J. M. P., & Lopes-Herrera, S. A. (2014). Intervenção fonoaudiológica baseada na perspectiva comportamental em transtorno global do desenvolvimento (TGD): Relato de caso. *Revista CEFAC*, 16(4), 1351-1360. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201423812>
- Oliveira, A. I., Garotti, M., & Sá, N. M. C. M. (2008). Tecnologia de ensino e tecnologia assistiva no ensino de crianças com paralisia cerebral. *Ciências e Cognição*, 13(3), 243-262. <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/78>
- Pereira, V. A., Chiodelli, T., Rodrigues, O. M. P. R., Silva, C. S. O., & Mendes, V. F. (2014). Desenvolvimento do bebê nos dois primeiros meses de vida: Variáveis maternas e sociodemográficas. *Pensando Famílias*, 18(1), 64-77. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100007&lng=pt&tlng=pt
- Pereira, V. A., Rodrigues, O. M. P. R., Carvalho, S. Z. L., & Chiodelli, T. (2015). Influências do estresse e ansiedade puerperal nos primeiros meses do desenvolvimento infantil. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 15(1), 89-100. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11279/7010>
- Pereira, V. A., Silva-Marinho, C. S. O., Rodrigues, O. M. P. R., Chiodelli, T., & Donatto, M. L. (2015). Investigação de fatores considerados de risco para o desenvolvimento motor de lactentes até o terceiro mês. *Pensando Famílias*, 19(2), 73-85. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200007&lng=pt&tlng=pt
- Peres, R. C. N. (2004). O lúdico no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral espástica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 14(3), 37-49. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.40114>
- Postalli, L. M. M., Munuera, R. F., & Aiello, A. L. R. (2011). Caracterização de família de mãe com deficiência intelectual e os efeitos no desenvolvimento dos filhos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 17(1), 37-52. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000100004>
- Prado, M. T.A., Fell, R. F., Salmazo, A. S., Gomes, G. C.C., Silva, M. S., Santos, S. M. T., & Fernani, D. C. G. L. (2012). Avaliação do crescimento e desenvolvimento de crianças por meio do Inventário Portage Operacionalizado. *Colloquium Vitae*, 4(1), 10-17. <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/cv/article/view/535>
- Robles, H. S. M., & Gil, M. S. C. A. (2006). O Controle instrucional na brincadeira entre crianças com diferentes repertórios. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 197-205. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200005>
- Rocha, S. R., Dornelas, L. F., & Magalhães, L. C. (2013). Instrumentos utilizados para avaliação do desenvolvimento de recém-nascidos pré-termo no Brasil: Revisão de literatura. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21(1), 109-117. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.015>
- Rodrigues, O. M. P. R. (2009). *O Inventário Portage Operacionalizado e o desenvolvimento de bebês* [Tese de livre docência, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/116074>
- Rodrigues, O. M. P. R. (2012). Escalas de desenvolvimento infantil e o uso com bebês. *Educar em Revista*, 43, 81-100. <http://dx.doi.org/10.5380/educar.v0i43.26405>
- Rodrigues, O. M. P. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). Efeitos da prematuridade sobre o desenvolvimento de lactentes. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 111-121. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000100011&lng=pt&tlng=pt
- Rodrigues, O. M. P. R., & Carnier, L. E. (2007). Avaliação do desenvolvimento geral de crianças de um a cinco anos de idade contaminadas por chumbo. *Interação em Psicologia*, 11(2), 269-279. <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/11610/8148>
- Rodrigues, O. M. P. R., & Nunes, C. O. A. T. (2009). Desenvolvimento infantil e a contaminação por chumbo: Análise das defasagens observadas. *Revista Salus*,

- 3(1),15-22. <http://www.revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/download/1199/1164>
- Rodrigues, B. G. S., Silva, J. L. O., Guimarães, P. G., Formiga, C. K. M. R., & Viana, F. P. (2015). Evolução de uma criança com síndrome de Treacher Collins em tratamento fisioterapêutico. *Fisioterapia em Movimento*, 28(3), 525-533. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-5150.028.003.AO11>
- Rossi, N. F., Gatto, A. R., Cola, P. C., Souza, D. H., Moretti-Ferreira, D., & Giacheti, C. M. (2009). Oropharyngeal dysphagia and language delay in partial trisomy 9p: Case report. *Genetics and Molecular Research*, 8(3), 1133-1138. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19866432>
- Sandroni, G. A., Ciasca, S. M., & Rodrigues, S. D. (2015). Avaliação da evolução do perfil motor de pré-escolares com necessidades educativas especiais após intervenção psicomotora breve. *Revista Psicopedagogia*, 32(97), 4-13. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100002&lng=pt&tlng=pt
- Scalha, T. B., Souza, V. G., Boffi, T., & Carvalho, A. C. (2010). A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: Relato de experiência. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(2), 79-92. <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/518/474>
- Shamseer, L., Moher, D., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A., & PRISMA-P Group. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA –P) 2015: Elaboration and explanation. *BMJ* 2015(349), g7647 doi: <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.g7647>
- Silva, N. C. B., & Aiello, A. L. R. (2012). Ensinando o pai a brincar com seu bebê com síndrome de Down. *Educar em Revista*, 28(43), 101-116. <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/26406>
- Silva, E. C., Formiga, C. K. M. R., & Viana, F. P. (2009). Avaliação da função motora grossa e do desenvolvimento de uma criança com síndrome de Lennox-Gastaud em tratamento de reabilitação. *Revista Movimenta*, 2(4), 159-164. <http://revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/7229>
- Silva, D. B. R., & Martinez, C. M. S. (2002). Modelos de avaliação em Terapia Ocupacional: Estudo dos hábitos funcionais e de autossuficiência em crianças. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 10(2), 77-93. <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/210>
- Sousa, N. M., Souza, C. B. A., & Gil, M. S. C. A. (2013). Aprendizagem Rápida de Comportamento de Ouvinte por um Bebê. *Interação em Psicologia*, 17(1), 67-78. <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28205>
- Suehiro, A. C. B., Benfca, T. S., & Cardim, N. A. (2015). Avaliação cognitiva infantil nos periódicos científicos brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 25-32. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015011755025032>
- Taira, J. S., Kawaguchi, T. S., & Bofi, T. C. (2009). A reeducação psicomotora na criança com baixa visão associada à diparesia espástica. *Temas sobre Desenvolvimento*, 17(97), 37-41.
- Taques, D. C. S. R., & Rodrigues, O. M. P. R. (2006). Avaliação do repertório comportamental de bebês nos quatro primeiros meses de vida: Uma proposta de análise. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 77-87. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000200008&lng=pt&tlng=pt
- Vieira, M. E., Ribeiro, F. V., & Formiga, C. K. M. R. (2009). Principais instrumentos de avaliação de desenvolvimento da criança de zero a dois anos de idade. *Revista Movimenta*, 2(1), 23-31. https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/3329596/mod_resource/content/0/instrumentos%20de%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20do%20DI%200%20a%202%20anos.PDF
- Zerbeto, A. B., Cortelo, F. M., & Élio Filho, B. C. (2015). Association between gestational age and birth weight on the language development of Brazilian children: A systematic review. *Jornal de Pediatria*, 91(4), 326-332. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2014.11.003>
- Windholz, M. H. (2016). *Passo a passo, seu caminho: Guia curricular para o ensino de habilidades básicas* (2ª ed. revista e ampliada). EDICON.
- Williams, L. C. A. (1983). *Favorecendo o desenvolvimento de crianças excepcionais em fase pré-escolar através de treino dado a seus familiares no ambiente natural* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Williams, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2001). *O Inventário Portage Operacionalizado: Intervenção com famílias*. Memnon; FAPESP.